

# Resumo

## Sujeito e autonomia nos escritos “Infância em Berlim por volta de 1900” de Walter Benjamin

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: \_\_\_\_\_. *Obras Escolhidas II*. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 73 – 145.

Ricardo Pereira da Silva \*

Nas diversas memórias, Benjamin narra episódios da sua infância, são memórias que se coadunam ao contexto e ao passado. Contudo a impressão é que prevalecem elementos subjetivos.

Como em *Tiergarten* (Parque da Cidade de Berlim), aqui o autor alude aos recônditos do Parque que evidenciam reentrâncias com a antiguidade. Principalmente em relação à arquitetura. Não obstante, o que mais chama a atenção, é o sentimento de perda, que o *Tiergarten* clama no pensamento do Benjamin adulto, que reflete sobre o Benjamin criança, e nesse exercício o que vem a memória é o amor juvenil e a morte de sua amada, Luise von Landau.

Outrossim é interessante como ele se refere ao *Kaiserpanorama*<sup>1</sup>. No final da infância de Benjamin houve a introdução de música junto aos filmes ou imagens exibidas no Kaiserpanorama, isto teve um efeito negativo para ele, visto que tornou as viagens com os filmes chatas, pois ela se dissolvia na imagem, da qual a fantasia era capaz de se nutrir. Dá-nos a impressão que a introdução da música atrapalhava a fruição de Benjamin, assim como a ampliação de sua imaginação.

Num mundo multimidiático como o de hoje, como Benjamin conceberia a mistura de imagens, sons, informações ou desinformações que nos chega de forma alucinante? Esta pergunta é pertinente, visto que para o filósofo alemão a introdução de música no Kaiserpanorama prejudicava a imaginação e, por conseguinte, a fantasia. Então será que hoje nossa imaginação está atrofiada ou há mecanismos que “imaginam” por nós? A maquinaria social já imagina por nós, talvez fosse a resposta do nosso autor.

Da mesma forma o toque da campainha o incomodava, isto significava que a imagem em exibição seria trocada. Este incômodo de Benjamin pode ser associado

---

\* Mestrando em Educação pela UFSCAR/Campus Sorocaba. Bolsista CAPES/DS - demanda social. E-mail: ricardopereiradasilva2015@gmail.com.

<sup>1</sup>O Kaiserpanorama é um cilindro de madeira com 25 lugares, que foi criado em 1880 e permaneceu em operação até 1939. Em frente à cada assento havia um par de lentes, através do qual os visitantes podiam observar imagens fotográficas estereoscópicas. Essas imagens eram iluminadas por trás em direção ao espectador e se moviam em círculo; assim, numa única sessão cada espectador podia apreciar até 25 vistas. Cada imagem permanecia em frente a determinada cabine durante alguns minutos, quando então uma campainha avisava que a imagem seria trocada

ao tempo de contemplação, o tempo entre uma imagem e outra não permitia ao pequeno Benjamin uma maior apreensão de todo o esplendor daquelas imagens. Novamente podemos aqui nos referir ao tempo de hoje. O tempo mediado pelo tempo e ritmo da produção, se no final do século XIX o tempo já esboçava um certo controle da contemplação entre uma imagem e outra, o que poderíamos auscultar de um tempo que reproduz o próprio mundo administrado, isto é, um tempo que não nos pertence, nem para contemplar o esplendor de uma imagem, muito menos para pensar nas reminiscências da antiguidade, por exemplo, que podem estar contidas nelas.

Mesmo porque há uma espécie de ruptura com o passado, ou seja, pensar o passado, contemplar uma imagem em nosso tempo soa como “coisa de vagabundo” porque não é “produtivo”, passa ao largo do mundo da produção. Nos parece que Benjamin, quando se incomodava com o toque da campainha, se incomodava com essa escassez e/ou controle do seu tempo por uma força externa que aqui podemos pensar como a necessidade de rodar o Kaiserpanorama para que a próxima leva de pessoas pudessem “apreciar” as imagens e assim, garantir que a bilheteria também rodasse.

Destarte, podemos indagar, que autonomia é essa que consta nos protocolos educacionais e que nutre o discurso das políticas educacionais. É plausível tal discurso ante a necessidade da reprodução social? Nos parece que não. A escola possui uma verve normativa e, enquanto tal, “educa” para a continuidade da vida social, da vida em sociedade. Com isso queremos dizer que ela tem como finalidade formar pessoas que estabeleçam relações heteronômicas, pois é pela heteronomia que as instituições sociais permanecem vivas, mesmo que seu funcionamento seja aparentemente precário.

De acordo com o paradigma adotado, tal ordem social deve se manter ou ser superada, contudo, nem um e nem outro prescinde da heteronomia. E por que então o discurso em voga há um bom tempo ainda se centra na necessidade da escola e da Educação como um todo engendrar indivíduos autônomos? Provavelmente pelo paradoxo de, ao mesmo tempo, que o indivíduo deve se tornar egoísta, para manter o sistema, também ser dependente dele, pois, sua independência dá a impressão que é livre, uma das bandeiras vendidas pelo sistema capitalista.

É necessário que as pessoas sejam egoístas, mas também é necessário que elas reproduzam a sociedade da mercadoria. Para reproduzir essa sociedade uma das células mais importantes é a escola, pois ela tornou-se massificada. No sentido geral é a Educação, portanto, ultrapassa os muros da escola.

Benjamin detalha sua relação com os objetos, particularmente com os livros, sua descrição é minimalista e alude ao fato de viver numa família abastada e que esta ocupava tanto a banda oriental como ocidental de Berlim. Eram ricos e essa riqueza material é descrita por ele na forma como vivia e se relaciona com as coisas. Toda sua educação inicial foi pavimentada pela vida burguesa, contudo em

momentos que evidenciam essa riqueza, também o possibilitavam entender outro lado, o lado que sua educação não permitia ver, o que sua sociabilidade não vislumbra.

Mesmo que circundado pela riqueza material sua predileção não foi o mundo dos negócios do pai. Isto significa que durante sua infância a vida em família, na escola, na sinagoga não foram bem assimilados e outro sujeito originou-se desse processo, talvez um sujeito que vislumbrou sair do raio de proteção, como o caramujo que resolve sair de sua concha. A educação tem como escopo um sujeito que não saia da sua concha, e ainda assevera que esse sujeito deve ser autônomo.

**Recebido em:** 02/07/2015

**Aceito em:** 04/10/2015